



Formação docente e religiões de matriz africana: necessidades e possibilidades

Teacher training and religions of African origin: needs and possibilities

Charles Klemz⁵⁴⁹

Doutorando no PPG de Teologia da Faculdades EST

Roberval Rubens Silva⁵⁵⁰

Especialização em Ensino Religioso pela Faculdades EST

Resumo: A intolerância religiosa é uma realidade mundial. Para lidar com este problema, a educação é a via que se mostra eficaz uma vez que lida com o conhecimento e a formação de pessoas. Nesse sentido, além de currículos e materiais didáticos alinhados às necessidades educacionais, a formação docente se mostra fundamental. A partir de pesquisa bibliográfica, o artigo toma a obra de Erisvaldo Pereira dos Santos, intitulada "Formação de Professores e Religiões de Matrizes Africanas: um diálogo necessário", para questionar em que medida a falta de formação adequada dos professores em relação às religiões de matriz africana contribui para a intolerância religiosa? A falta de conhecimento acerca do outro contribui para a estigmatização e o preconceito. Aliado a esse desconhecimento está a disputa pela verdade, quando fundamentalismos tomam o lugar do diálogo. A pesquisa conclui que a formação docente é necessária tanto para levar o conhecimento acerca das religiões de matriz africana para a sala de aula, quanto para fomentar o diálogo, a empatia e a alteridade em relação àquilo que é desconhecido.

Palavras-chave: Intolerância religiosa. Formação docente. Religiões de matriz africana.

Abstract: Religious intolerance is a global reality. To deal with this problem, education is the way that proves to be effective as it deals with knowledge and training of people. In this sense, in addition to curricula and teaching materials aligned with educational needs, teacher training is fundamental. Based on bibliographical research, the article takes the work of Erisvaldo Pereira dos Santos, entitled "Teacher Training and Religions of African Origins: a necessary dialogue", to question to what extent the lack of adequate training of teachers in relation to African religions Does the African matrix contribute to religious intolerance? The lack of knowledge about others contributes

⁵⁴⁹ Doutorando em Teologia pela Faculdades EST e mestre em Teologia pela mesma instituição. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Boas Novas, Manaus/AM e graduação em Teologia pela Faculdades EST. Atualmente é professor assistente na Faculdades EST.

⁵⁵⁰ Especialista em Teologia Espiritual pela Faculdade de São Bento-RJ, Teologia Pastoral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-BH e em Ensino Religioso pelas Faculdades EST-RS. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil-RJ e Capelão Hospitalar pela Capelania Hospitalar Evangélica do RJ, com atuação prática no INCA-RJ. Bacharel em Ciências Contábeis pela UFRN com mérito estudantil.

to stigmatization and prejudice. Allied to this lack of knowledge is the dispute over the truth, when fundamentalisms take the place of dialogue. The research concludes that teacher training is necessary both to bring knowledge about African-based religions to the classroom, and to encourage dialogue, empathy and otherness in relation to that which is unknown.

Keywords: Religious intolerance. Teacher training. African-based religions.

Introdução

Através da educação é possível romper tabus e desconstruir mitos. Com materiais didáticos elaborados e formação docente contínua e atualizada, o debate pode ser enriquecido com conhecimentos academicamente embasados, permitindo a projeção de uma sociedade justa. Um dos tabus e mitos persistentes é o preconceito em relação às religiões de matriz africana.

Nesse contexto, esta pesquisa problematiza a formação docente no que tange às religiões de matriz africana: a falta de formação adequada dos professores em relação às religiões de matriz africana contribui para a intolerância religiosa?

Parte-se do pressuposto de que a falta de conhecimento sobre as religiões de matriz africana na sociedade gera desrespeito e violência no cotidiano da sociedade atual. A ausência desses temas nos componentes curriculares da formação básica do ensino regular, bem como a má formação dos professores nessa área, contribui para a carência de conhecimento na sociedade.

A pesquisa se baseia na obra de Erisvaldo Pereira dos Santos, intitulada *Formação de Professores e Religiões de Matrizes Africanas: um diálogo necessário*. Santos fundamenta o seu trabalho em epistemologias antirracistas, projetos político-pedagógicos, relações étnico-raciais, alteridade e ações afirmativas na educação. Rubem Alves, Marcos Vinicius de Freitas Reis e Fabrício Veliq são autores referenciados para dialogar com a obra de Santos.

1 O desconhecimento que leva à intolerância

A pesquisa de Erisvaldo Pereira dos Santos⁵⁵¹ ressalta a importância da religião como um elemento que deve promover uma atitude ecumênica, acolhendo e respeitando todas as manifestações de fé, promovendo o diálogo. Ele observa que no Brasil, o aumento da intolerância religiosa está relacionado à expansão dos movimentos carismáticos católicos e neopentecostais evangélicos. Para combater a cultura da intolerância religiosa nas escolas públicas e na sociedade em geral, o autor sugere a criação de um ambiente de diálogo em relação às vivências e experiências religiosas das religiões brasileiras de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda. O diálogo desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois é por meio dele que se estabelece o respeito e a abertura para ouvir o outro, reconhecendo que cada indivíduo tem qualidades a serem compartilhadas no caminho da cultura do encontro.

Aproximar-se dos conteúdos das religiões de matriz africana, como o Candomblé, é essencial para entender que elas são religiões de tradição oral, iniciáticas

⁵⁵¹ SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Formação de Professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário*. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

e não possuem um discurso doutrinário rígido. Elas têm sua estrutura sagrada centrada na ancestralidade africana, conforme explica Santos. A busca por comunhão com os Orixás tem como objetivo fortalecer o poder de vida, conhecido como Axé. Esse entendimento e respeito mútuo são cruciais para promover a convivência pacífica e o combate à intolerância religiosa no Brasil e em outros lugares onde essa questão seja relevante.

Candomblé é o nome genérico atribuído a cinco expressões das religiões de matrizes africanas no Brasil. As nações Ketu, Jeje, Angola, Xambá, Efon e Ijexá têm seu fundamento na ancestralidade, através do culto aos orixás, aos inquices e aos voduns, com os ritos de iniciação, cujo processo atribui senioridade iniciática, na comunidade, no transe místico e no oráculo do jogo de búzios ou Ifá. [...] O candomblé tem mitos, ritos de iniciação e morte, rituais litúrgicos. A vida é o seu princípio fundamental. Por ser uma religião baseada na tradição oral, repassada através de processos iniciáticos e vivenciais, o Candomblé não tem um livro em que se encontram registrados os seus princípios e fundamentos. O Candomblé se distingue da Umbanda pelo fato de não buscar seus fundamentos no Espiritismo Kardecista e no Cristianismo. A reencarnação não é um princípio fundamental, assim como também não é a ressurreição. [...] As matrizes religiosas africanas chegaram ao Brasil a partir do século XVI, com os africanos escravizados. O Candomblé é uma síntese de tradições religiosas da África Ocidental, especificamente da Nigéria, Benin e Togo. [...] Cada terreiro de Candomblé constitui-se como uma comunidade autônoma, com estatuto jurídico, organização, ritos e orientações próprias, que podem ser alterados com o passar do tempo.⁵⁵²

Estas considerações iniciais a partir do Candomblé possibilitam compreender que se trata de uma religião que busca estabelecer uma relação de comunhão com o Sagrado, que para seus seguidores são as forças da natureza, conectadas aos seus ancestrais divinizados. Isso expressa uma relação de interdependência entre os seres humanos e a natureza.

Santos⁵⁵³ destaca que um dos principais motivos que contribuem para a cultura da indiferença é a hegemonia da matriz religiosa judaico-cristã no Brasil, que dominou por muitos séculos e silenciou as minorias e suas expressões religiosas. Essa tensão persiste até os dias de hoje. Menciona o autor que, no contexto escolar, muitos educadores, pais e alunos, influenciados por essa mentalidade da matriz religiosa judaico-cristã, acreditam que discutir os conteúdos das religiões de matrizes africanas nas salas de aula não é relevante, já que a maioria dos alunos se identifica com a religião hegemônica. Essa mentalidade revela que os próprios educadores expressam atitudes de preconceito e intolerância em relação à diversidade religiosa presente em nossa sociedade brasileira.

Santos⁵⁵⁴ argumenta que a base para essas atitudes de preconceito e intolerância religiosa está enraizada na proposta das igrejas cristãs de evangelizar para a conversão

⁵⁵² SANTOS, 2015, p. 44-46.

⁵⁵³ SANTOS, 2015.

⁵⁵⁴ SANTOS, 2015.

à sua fé evangélica. Portanto, podemos perceber que a mentalidade de demonizar outras expressões religiosas em nossa sociedade não faz sentido, uma vez que considera apenas a sua própria fé como a verdadeira. Por isso, ressalta que

Compreender os fundamentos das religiões de matrizes africanas como códigos socioculturais e educativos, referentes a outra forma de sociabilidade, pode ser um dos caminhos para afastar atitudes como a indiferença, a intolerância e o preconceito na educação escolar. Essa perspectiva de compreensão contribui para que o/a estudante negro/a – e também não negro/a -, adepto/a das religiões de matrizes africanas, possa ver sua religião ser abordada na escola como uma referência identitária positiva.⁵⁵⁵

É fundamental refletir sobre o contexto da educação, especialmente nas escolas públicas, como um espaço que deve garantir os direitos das crianças e dos adolescentes a conviverem com a diversidade cultural, o que inclui a pluralidade de expressões religiosas. Isso implica em não favorecer as religiões hegemônicas nem invisibilizar as religiões minoritárias, como as de matrizes africanas no Brasil. A escola é um ambiente onde os direitos humanos de todos devem ser defendidos, refletindo a liberdade e o princípio de um Estado laico, que trata todas as expressões culturais e religiosas com igualdade, reconhecimento e respeito. O autor ressalta mais uma vez que são os religiosos das igrejas neopentecostais que hostilizam as religiões de matrizes africanas, com a crença de que essas religiões precisam se "converter" ao "verdadeiro" Deus, que é Jesus Cristo. Eles adotam uma perspectiva missionária e proselitista, baseada em uma leitura fundamentalista da Bíblia, que muitas vezes desconsidera o contexto das narrativas e subestima os aspectos humanistas na elaboração desses textos.

É importante lembrar que o Estado laico garante, em seu ordenamento jurídico (Constituição Federal do Brasil, Art. 5º), a liberdade de pensamento, crença, culto e expressão religiosa para todas as religiões e suas expressões culturais.⁵⁵⁶ No entanto, a pergunta que surge é porque as pessoas não respeitam esse ordenamento jurídico na prática. Uma possível explicação é que isso ocorre não devido à falta de leis, mas sim à ausência de uma educação cívica que promova a cidadania integral das pessoas.

De acordo com o sociólogo Marcos Vinicius Reis, o ensino na escola não pode favorecer uma religião em detrimento de outras, seja no componente curricular do Ensino Religioso, e a partir de temas transversais correlatos:

O Ensino Religioso (ER) não pode favorecer uma religião em detrimento das outras. O estudo das religiões no âmbito escolar deve ser feito no contexto da laicidade. [...] Precisa-se ensinar que cada indivíduo tem o direito de escolher a forma de vivenciar sua religiosidade na sua vida privada sem correr o risco de ser discriminado, sofrer preconceito ou qualquer outra forma de violência. [...] O docente de ER não pode impor como verdade universal os dogmas e a visão de mundo de uma instituição religiosa, pois precisa levar seu aluno e aluna a uma reflexão crítica sobre os diversos problemas que envolvem o universo da religião na

⁵⁵⁵ SANTOS, 2015, p. 83-84

⁵⁵⁶ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Equipe RT], 19. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

sociedade. [...] O ER precisa promover a convivência entre as mais diferentes matrizes religiosas em sala de aula. [...] Assim, à medida que o aluno vai conhecendo o outro e percebendo que a religião é apenas uma forma de se relacionar com o sagrado, conseguirá conviver harmonicamente com o diferente.⁵⁵⁷

Por outro lado, intolerâncias e fundamentalismos religiosos são aspectos a serem ponderados na educação para derrubar tabus e mitos e, principalmente, para tratar acerca do que se considera verdade a partir de cada religião. Santos destaca a questão da verdade e suas formas jurídicas ao afirmar que “uma interpretação particular da verdade religiosa é estabelecida como obrigatória para uma determinada confissão, mas não pode ser reconhecida como obrigatória para todos os cidadãos de um Estado de Direito”⁵⁵⁸.

2 A “verdade” que exclui

Há dois textos fundamentais para refletir sobre a questão da verdade. O primeiro é 'A verdade e as formas jurídicas – Conferência 1' (1973), que se refere a uma conferência proferida por Michel Foucault⁵⁵⁹ na PUC-Rio em maio de 1973. O segundo é 'O que é religião?', um provocativo ensaio de Rubem Alves⁵⁶⁰ que desafia a comunidade de cristãos ocidentais a repensar o que reconhecemos e legitimamos como religião.

Michel Foucault introduz a ideia de que as práticas sociais dão origem a novas formas de sujeitos do conhecimento, como parte do domínio do saber. Esse conhecimento nasce das práticas sociais de controle e vigilância, e o sujeito do conhecimento se constitui como parte desse discurso histórico, produzindo uma verdade que serve como forma jurídica para o controle político e social da sociedade, impondo poder disciplinar, vigilância e punição. Foucault recorre a um texto de Nietzsche de 1873, “Verdade e Mentira”, no qual Nietzsche afirma que inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira. Foucault utiliza essa distinção para afirmar que “A religião foi fabricada... por puras e obscuras relações de poder que a religião foi inventada”.⁵⁶¹ Portanto, a religião não tem uma origem fixa, assim como o conhecimento e a verdade foram inventados.

No decorrer do texto de Foucault, ele enfatiza a ideia de que o conhecimento é uma construção social que se origina das relações políticas de lutas e poder, nas quais a humanidade procura dominar uns aos outros por meio do conhecimento. No contexto do texto de Rubem Alves sobre o que é religião, percebe-se que a religiosidade envolve uma dinâmica da vida humana que busca dar sentido à existência e à morte humanas. Alves amplia esse entendimento, afirmando que:

Aqui surge a religião, teia de símbolos, redes de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa

⁵⁵⁷ REIS, Marcos Vinicius de Freitas. Ensino religioso e intolerância religiosa. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí. *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 367-368

⁵⁵⁸ SANTOS, 2015, p. 165-166.

⁵⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

⁵⁶⁰ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 13 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

⁵⁶¹ FOUCAULT, 2002, p. 15-16

tentativa de transubstanciar a natureza. [...] A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. [...] A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. E os homens são diferentes; seus mundos sagrados também.⁵⁶²

Alves⁵⁶³ auxilia na compreensão de que as pessoas são as construtoras de seus próprios mundos, incluindo suas culturas, mundos sagrados e religiões. Ele destaca que a religião é uma expressão do desejo humano em busca de sentido na vida, e os símbolos religiosos servem como horizontes de significado, não como posse definitiva de sentido. Deus é considerado um símbolo de significado. Rubem Alves⁵⁶⁴ propõe uma compreensão do conceito de verdade mais alinhada com a ideia de confiabilidade em uma relação, em contraste com a concepção moderna de verdade como veracidade. A verdade, no contexto da experiência religiosa, reside na capacidade de conferir sentido à nossa existência e à nossa mortalidade.

A pretensão de possuir a verdade absoluta é identificada como uma das principais causas da intolerância religiosa, explica Fabrício VeliQ.⁵⁶⁵ Isso ocorre porque a verdade não pode ser contida em conceitos fixos, e a insistência na posse exclusiva da verdade leva à intolerância. Como afirma VeliQ, "A pretensão de verdade absoluta se mostra, assim, como uma das fontes de alimentação da intolerância religiosa."⁵⁶⁶

Enfim, conforme apontado, o conhecimento é visto como uma construção social que emerge das relações políticas de luta e poder, nas quais as pessoas buscam dominar umas às outras por meio de suas construções culturais, mundos sagrados e religiões, com suas diferentes noções de verdade. A verdade religiosa, vista como a construção de altares⁵⁶⁷, pode se tornar uma fonte de intolerância religiosa quando aqueles que a manipulam alegam possuir a verdade absoluta, impondo interpretações e cosmovisões inflexíveis. Portanto, a maneira como uma religião e suas concepções de verdade é usada dependerá daqueles que controlam esses símbolos sagrados, podendo promover liberdade e autonomia ou opressão e controle sobre as pessoas.

3 Empatia e alteridade

O convite para viver uma cultura do encontro reflete uma proposta de atitude e prática de vida na qual o encontro com o outro é marcado pelo respeito, pela escuta atenta, pelo acolhimento, pela empatia, pela solidariedade, pela alteridade e pelo amor. Isso vai à contramão da cultura da indiferença, conforme aponta Santos⁵⁶⁸, que se originou da hegemonia da matriz religiosa judaico-cristã no Brasil ao longo de muitos séculos, revelando uma mentalidade enraizada no eurocentrismo e etnocentrismo, decorrentes dos fluxos migratórios de missionários protestantes que chegaram ao

⁵⁶² ALVES, 2012, p. 24-25.

⁵⁶³ ALVES, 2012.

⁵⁶⁴ ALVES, 2012.

⁵⁶⁵ VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. São Leopoldo: *Identidade*, v.24 n. 1, p. 126-136, 2019.

⁵⁶⁶ VELIG, 2019, p. 129-130.

⁵⁶⁷ ALVES, 2012.

⁵⁶⁸ SANTOS, 2015.

Brasil no final do século XIX, introduzindo o que é conhecido como protestantismo de missão e de imigração.

Jesus Cristo é exemplo para a contemporaneidade em relação às questões referentes à diversidade. As suas ações e as suas palavras, enfrentando a lei em nome do mandamento do amor, enaltecem a alteridade e a compaixão. A alteridade, a partir da filosofia, enquanto reconhecimento e encontro com o outro, e o amor, enquanto mandamento primeiro, são fundamentais para que a diversidade humana seja incorporada na estrutura, por ora, excludente. Nesta diversidade humana está inserida a diversidade religiosa.

Não há espaço, portanto, para contestar crenças no sentido de discriminar por serem pensamentos divergentes. Cada pessoa, cada religião, busca a sua verdade. Assim, cabe a empatia no sentido de conhecer a outra diversidade, a outra experiência, a realidade mais profunda e pessoal, que Nicolau da Rocha Cavalcanti resume em “[...] aprender a ver o bem, aprender a querer o bem, aprender a realizar o bem”⁵⁶⁹. Em linguagem coloquial, é preciso calçar os sapatos das outras pessoas de forma a se colocar nas suas perspectivas.

A educação é essencial. A partir dela é possível compreender que a diversidade humana reflete as diferenças naturais entre as pessoas. É a partir do conhecimento do outro que pré-conceitos são combatidos, por um lado, e a ignorância, por outro, entendendo a ignorância não no seu sentido pejorativo, mas como a real falta de conhecimento sobre o outro. O desconhecimento e a ignorância se combatem com o oferecimento do conhecimento a partir da educação. E, esta educação necessita de pessoas docentes com o conhecimento sempre atualizado, ou seja, a partir de uma formação docente continuada.

Conclusão

Os desafios relacionados à adequada disseminação do ensino no que tange às religiões de matriz africana nas escolas residem nas deficiências na formação dos professores, destacando a necessidade de desenvolver processos formativos que capacitem os professores de ensino religioso a lidar com as religiões de matrizes africanas.

A formação docente está inserida no contexto de indiferença e intolerância e, ainda, da disputa pela “verdade”. Estes aspectos contaminam, literalmente, a própria formação docente. Para tratar de temas que levam à estigmatização e à exclusão, é necessário trabalhar os preconceitos a partir dos próprios docentes, pessoas que estão inseridas na sociedade preconceituosa e são influenciadas por ela. Portanto, antes de tratar sobre a intolerância e as disputas religiosas, é necessário trabalhar, inicialmente, o preconceito e a exclusão de forma ampla, assim como discutir sobre o que é verdade.

A partir da discussão macro sobre intolerância, destaca-se o diálogo como abordagem para combater a cultura de intolerância religiosa nas escolas e na sociedade em geral, no qual os conteúdos religiosos sejam explorados como vivências e experiências religiosas dentro do ambiente escolar e público, com foco nas religiões brasileiras de matriz africana.

O diálogo é uma palavra de extrema importância nesse contexto de intolerância religiosa, pois é por meio do diálogo que se cultiva o respeito, uma postura de abertura

⁵⁶⁹ CAVALCANTI, Nicolau da Rocha. *A beleza humana: histórias e reflexões sobre ética e estética*. São Leopoldo: Unisinos, 2013. (Coleção Aldus 39). p. 84-85.



para ouvir o outro, compreendendo que o outro possui qualidades a serem reconhecidas no caminho da cultura do encontro. Isso significa praticar a empatia e a alteridade

É crucial refletir sobre o ambiente educacional e o espaço das escolas públicas como locais que devem assegurar os direitos das crianças e adolescentes a conviver com a diversidade cultural, incluindo a pluralidade de expressões religiosas. Isso implica em não privilegiar as religiões hegemônicas nem tornar invisíveis as religiões minoritárias, como as de matrizes africanas no Brasil. A escola deve ser um ambiente de defesa dos direitos humanos de todos, expressando a liberdade e a natureza laica do Estado, que trata todas as expressões culturais e religiosas com igualdade, reconhecimento e respeito.

Referências

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* 13 ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- CAVALCANTI, Nicolau da Rocha. *A beleza humana: histórias e reflexões sobre ética e estética.* São Leopoldo: Unisinos, 2013. (Coleção Aldus 39).
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Equipe RT], 19. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas.* Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- REIS, Marcos Vinicius de Freitas. Ensino religioso e intolerância religiosa. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí. *Compêndio do Ensino Religioso.* São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.
- SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Formação de Professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário.* 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.
- VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. São Leopoldo: *Identidade*, v.24 n. 1, p. 126-136, 2019.